

## SOBRE GASPAR VIANNA, NO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO

Leonidas M. Deane

Foi no ambiente extremamente estimulante do Instituto de Manguinhos, no início do século, que se passou a maior parte da curta, mas extraordinária, vida científica de Gaspar Vianna. Pelo perfeccionismo e entusiasmo de Oswaldo Cruz — o jovem Diretor do Instituto fundado em 1900 — este se converteu logo em centro de atração para outros jovens médicos ou estudantes de medicina desejosos de fazer pesquisa. E do trabalho desses rapazes, quase todos de menos de 30 anos, resultou o prestígio conquistado muito cedo pela Instituição. Companheiros de Gaspar Vianna eram: Carlos Chagas, que aos 29 anos descobriu a tripanosomíase americana estudando-a depois em quase todos os seus aspectos essenciais, numa façanha ímpar na história da Medicina; Alcides Godoy, que aos 26 anos descobriu a vacina contra o carbúnculo sintomático que matava nossos bezerros, vacina que constituiu o suporte econômico para a construção dos então modernos laboratórios e a contratação de pessoal suficiente para as investigações; Henrique Aragão, aos 28 anos descobridor de um ciclo pré-eritrocítico do *Haemoproteus columbae* dos pombos, abrindo caminho para a verificação da existência de um ciclo pré-eritrocítico dos plasmódios humanos 40 anos mais tarde; descobridor também dos primeiros plasmódios de répteis e, em época posterior, do primeiro transmissor da leishmaniose tegumentar nas Américas; e Artur Neiva, que realizou os estudos pioneiros sobre a fauna de insetos de importância médica em nosso país. O estímulo vinha também dos sucessos de Oswaldo, eliminando a peste e a febre amarela e fazendo reformas originais e ousadas nos serviços de saúde do país, levando o Rio de Janeiro a conquistar, entre 128 cidades de 20 países participantes, o 1º Prêmio na Exposição Internacional de Higiene realizada em Berlim, em 1907.

Entretanto esse ambiente por si não explicaria a grande contribuição científica de Gaspar Vianna, não fosse o brilho de sua inteligência, sua curiosidade, lucidez, perícia técnica e uma invulgar paixão pelo trabalho.

Descendente de família portuguesa imigrada de Vianna do Castelo, Gaspar de Oliveira Vianna nasceu em Belém do Pará em 11 de maio de 1855. Alfabetizou-se em casa, com o irmão e as irmãs maiores, fez o primário no Colégio São José e o secundário no Liceu Paraense, concluindo-o aos 15 anos. Por sua propensão pela matemática tencionava ser engenheiro, mas seu irmão Artur o induziu a estudar Medicina, curso não existente em Belém, na época. Só dois anos depois, em 1903, após ter aproveitado para fazer o curso de Agrimensura no próprio Liceu, viajou sozinho para o Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Medicina. Entusiasmado com as aulas de Histologia, dadas pelo Prof. Chapot Prevost, passou a dedicar-se intensamente a essa matéria, da qual cedo se tornaria um perito na teoria e um excelente técnico, fazendo preparações tão belas que o Professor pediu para incorporá-las à sua coleção. Ainda estudante dava aulas particulares de histologia num laboratório clínico que instalou juntamente com seu irmão, no Centro da cidade, tendo tido alunos que mais tarde foram famosos, como Magarinos Torres e Lauro Travassos. Em 1907, ainda estudante, participando de um Concurso para Assistente do Gabinete de Anatomia Patológica do Hospital Central de Alienados, ingressou em 1º lugar, passando de histologista a anatomopatologista. Começou também a fazer, na Santa Casa de Misericórdia, autópsias diárias, cujo material levava para preparar e examinar no Hospital de Alienados, onde seu chefe, o Professor Bruno Lobo, passou a dar-lhe atenção especial. Ainda como estudante, escreveu com Bruno Lobo, em 1908, um volumoso trabalho de 154 páginas sobre a "Estrutura da Célula Nervosa". Ao formar-se em Medicina em 1909 apresentou como Tese de Doutorado um estudo de histologia comparada intitulado "Estructura da Cellula de Schwann dos vertebrados".

Foi nessa ocasião que Oswaldo Cruz o convidou para Manguinhos, que fervilhava na época, principalmente em virtude da recém-descoberta tripanosomíase americana. O descobridor, Carlos Chagas, logo atraiu Vianna para caracterizar histopatologicamente a nova doença. Isso deu oportunidade a que o nosso homenageado fizesse sua primeira e importante descoberta: a de que o *Trypanosoma cruzi*, diferentemente dos demais tripanosomas conhecidos, se multiplica não como tripomastigotas no plasma, mas intracelularmente por divisão binária de amastigotas, que evoluem para tripomastigotas os quais, maduros, são libertados com a ruptura das células continentais para ingressar em outras células e aí se transformar em amastigotas; esta verificação estabeleceu uma aproximação nova entre os gêneros *Trypanosoma* e *Leishmania*. Viu ainda Gaspar Vianna que as células palco dessa evolução são principalmente as do miocárdio, dos músculos estriados, do sistema nervoso, mas também de vários outros tecidos. Os resultados desse estudo foram publicados em 1911, em português e alemão, nas "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" e, além do texto detalhado, com muitas informações originais, encontram-se aí as mais belas ilustrações coloridas que até agora já foram publicadas sobre as formas intracelulares do *T. cruzi*.

Por essa ocasião a leishmaniose tegumentar ocorria como doença importante, acometendo milhares de trabalhadores das zonas de colonização pioneira, produzindo em muitos deles lesões extremamente deformantes. Em 1909 Lindenbergh e Carini & Paranhos, em São Paulo, haviam simultaneamente mas isoladamente verificado que a doença era devida a uma *Leishmania* que, julgando idêntica à da leishmaniose cutânea do Velho Mundo, identificaram como *L. tropica*. Vianna passou a inte-

ressar-se vivamente por essa moléstia e seu agente e ainda em 1911, em pequena nota saída no "Brazil-Médico" mas como trabalho de Manguinhos, criava uma nova espécie, *Leishmania braziliensis*, com z, pois tal era a grafia do nome do nosso país naquela época. A nova espécie foi aliás descrita como tal por um equívoco, perfeitamente justificado: a observação acurada de Gaspar Vianna lhe permitiu ver "um filamento, côrado em vermelho brilhante, que se dirige obliquamente para a parte mediana da maior curvatura, atingindo a membrana da célula. Este filamento" — continuou ele — "talvez rudimento de flagello, não observado até hoje, segundo cremos, caracteriza de um modo nitido o parasito que encontramos". Na verdade as outras leishmanias também têm esse filamento — o rizonema, ou parte basal intracelular do flagelo —, mas não havia sido descrito. Embora esse caráter diferencial não exista, hoje a *L. braziliensis* é considerada uma espécie bem caracterizada morfológica, biológica e bioquimicamente.

No mesmo ano Vianna voltou a interessar-se pelos tripanosomas, e, sugestionado por seus próprios achados referentes ao ciclo intracelular do *T. cruzi*, passou a procurá-lo em outras espécies e, em 1912, publicou no "Brazil-Médico" artigos em que se refere à presença de amastigotas multiplicando-se no interior de células em animais inoculados com *T. gambiense*, *T. congolense*, *T. equinum* e *T. equiperdum*. Esses achados foram posteriormente confirmados para *T. gambiense*, *T. rhodesiense*, *T. brucei*, *T. congolense* e *T. vivax*, embora hoje se considere que tais formas não são fase essencial do ciclo desses flagelados, diferentemente do que ocorre com o *T. cruzi*.

Entretanto a leishmaniose continuava a interessá-lo, levando-o a preocupar-se agora com o seu tratamento. Arsenicais estavam sendo usados com aparente sucesso na doença do sono e Vianna experimentou em alguns leishmanióticos o "606", um arsenical que estava em moda no tratamento da sífilis, porém não obteve resultado favorável. Pensou então em usar antimoniais, embora estes tivessem sido há muito abandonados como agentes terapêuticos. Explica porque: "— A acção do tartaro emetico em algumas tripanozomioses; as melhoras obtidas nas lesões cutaneas da doença do somno influenciaram-nos bastante a tentar o tratamento da leishmaniose cutanea pelo emetico". E com injeções intravenosas de tártaro-emético em solução a um por mil em soro fisiológico obteve grande sucesso, sarando um após outro e de maneira completa, os vários pacientes dessa moléstia até então incurável! E em abril de 1912, antes de completar 27 anos de idade, Gaspar Vianna apresentou os resultados desse seu trabalho no VII Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia realizado em Belo Horizonte, conforme registrado nos Anais dessa reunião. Por pouco essa descoberta teria deixado de ser feita na época: no dia em que ia iniciar sua experiência, ao chegar à enfermaria Gaspar Vianna encontrou morto o paciente que havia selecionado; se a morte houvesse ocorrido após a injeção do antimonial, provavelmente seria atribuída à droga, que seria abandonada.

Nesse mesmo ano, em 1912, juntamente com seu colega de Manguinhos, o já citado Henrique Aragão, Gaspar Vianna estudou o agente etiológico do granuloma venéreo (donovanose), batizando-o com o nome de *Calymmatobacterium granulomatis* e no ano seguinte esses dois jovens pesquisadores foram os primeiros a tratar com sucesso essa doença, até então também incurável, usando novamente o tártaro-emético, hoje substituído por antibióticos. Um extenso, detalhado e esplendidamente ilustrado artigo sobre a experiência de Aragão e Gaspar Vianna com a donovanose foi publicado nas "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz".

Ainda em 1913 Gaspar Vianna tornou-se livre-docente de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Professor de Histologia da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Ministério da Agricultura e professor dos primeiros e depois famosos Cursos de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

Fora seus trabalhos de maior vulto, Gaspar Vianna, junto com Artur Moses estudou um cogumelo que denominaram *Proteomyces infestans* (hoje *Trichosporon infestans*) de um paciente febril que morreu com focos purulentos no tecido subcutâneo e em músculos superficiais. Com Miguel Pereira, descreveu corretamente aspectos parasitológicos, histopatológicos e clínicos da blastomicose brasileira que posteriormente constituiriam assunto de sua tese de docência na parte correspondente às lesões apendiculares. E com Sylvio Muniz publicou um dos primeiros trabalhos do que se interpreta hoje como actinomicose pulmonar.

Quase toda a produção científica original de Gaspar Vianna realizou-se nos quatro anos em que foi histopatologista do Instituto Oswaldo Cruz (de 1910 ao primeiro semestre de 1914). Só um trabalho feito com paixão poderia explicar o vulto e a qualidade de sua contribuição. Findo o dia, continuava até tarde da noite; freqüentemente regressava do Instituto pelo trem da Leopoldina das 22h14m ou das 23h24m e muitas vezes pernoitava em Manguinhos por dias seguidos. Esses "plantões" prosseguiram até perto de sua morte; mesmo quando já doente só parava de trabalhar quando a febre alta o prostava.

Como pessoa, diz Magarinos Torres, Gaspar Vianna impressionava por sua "afabilidade, compreensão e sobretudo pela vivíssima inteligência que emanava de seus brilhantes olhos verdes". De aparência agradável e boa cultura, era um grande conversador e apreciava a vida em suas múltiplas facetas — política, passeios, carnaval e, segundo Cerqueira Falcão (1962) "não era infenso aos eflúvios do belo sexo" e teve várias noivas. Mas não teve oportunidade de casar, pois ajudava mãe, irmãs e sobrinhos desamparados.

Em abril de 1914, ao incisar a pleura de um tuberculoso numa autópsia, teve seu rosto inundado pelo líquido que jorrava da cavidade, penetrando-lhe no nariz e na boca; dois meses depois, a 15 de junho, morria de tuberculose miliar aos 29 anos de idade. Sua perda causou profunda consternação entre os colegas e foi o primeiro golpe sofrido pelo Instituto durante sua fase inicial de grandeza.

Pelos achados originais contidos nos seus 24 trabalhos publicados em tão poucos anos de atividade profissional, Gaspar Vianna foi uma das estrelas da ciência médica brasileira do início do século e de quem muito mais se podia esperar não tivesse morrido tão cedo. Mas o tratamento das leishmanioses foi sua mais importante descoberta do ponto de vista médico. As leishmanioses atingiam e ainda atingem centenas de milhares de pessoas no mundo. Se sua prevalência não diminuiu, seu prognóstico modificou-se inteiramente. O calazar não tratado era quase sempre mortal e as leishmanioses tegumentares causavam lesões muitas vezes mutilantes que, no caso da espúndia, podiam levar até a morte em caquexia por inanição devida à extensa desnutrição das mucosas bucal e faríngea, além do envolvimento psicológico motivado pela discriminação sofrida pelos pacientes. Gaspar Vianna mudou radicalmente esse quadro introduzindo o tratamento antimônio eficiente e que não foi ainda desbançado após mais de 70 anos de uso. A quase totalidade dos casos de calazar sobrevive e cura e as lesões da leishmaniose tegumentar, exceto as da forma difusa e alguns casos de metástases mucosas, também saram. Milhões de pessoas no Mundo deveram ou devem a sua vida ou saúde a essa descoberta de Gaspar Vianna.